

A CONDIÇÃO E A LIBERTINAGEM SOCIAL FEMININA NA OBRA AS RELAÇÕES PERIGOSAS, DE CHODERLOS DE LACLOS

Autor: Valéria Maria Pereira dos Santos Toledo¹

Orientador: Prof. Dr. Fábio Maza

RESUMO

O livro *As Relações Perigosas*, do francês Choderlos de Laclos, considerada uma obra libertina, gerou polêmica na França pré-revolucionária, sendo importante na retratação dessa sociedade. O famoso par libertino scandalizou e trouxe notoriedade para seu autor, ficando imortalizados na história da literatura como representação da decadência dessa aristocracia pertencente ao fim do Antigo Regime. Este artigo pretende analisar essa obra através do olhar feminino, focando nas três principais mulheres do livro e suas posições dentro da sociedade da época, suas restrições e suas digressões. Sendo Laclos um forte defensor da emancipação feminina da estrutura social vigente na França do século XVIII, as personagens demonstram um forte desejo de quebrar as amarras às quais são submetidas, caracterizando uma *libertinagem social* quando decidem seguir suas escolhas, e não o que lhes é imposto. Neste contexto, este trabalho traçou um perfil da condição da mulher na época, utilizando informações obtidas na literatura científica, bem como relaciona estas condições com as descritas no livro de Laclos, enfatizando a posição desprivilegiada e secundária a que eram submetidas, a educação precária que recebiam e o papel submisso a que eram relegadas em relação ao homem.

Palavras-chave: *As Relações Perigosas*, Libertinagem Social, Feminino, França, Século XVIII, Sociedade

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Apresenta este artigo como requisito de conclusão de curso para obtenção do Grau em Licenciatura em História.

E-mail: valeriams@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Escrito em 1782, *Les Liaisons Dangereuses* (As Relações Perigosas), de Pierre-Ambroise-François Choderlos de Laclos é considerada uma obra prima libertina. Aborda, principalmente, a libertinagem sexual e, secundariamente faz uma crítica religiosa e social, onde põe em xeque os costumes vigentes. Escrito às vésperas da Revolução Francesa, mas ainda em meio a uma sociedade patriarcal e sob o regime da monarquia absolutista, o romance epistolar de Laclos nos traz os dois personagens principais como aristocratas libertinos e manipuladores que usam as pessoas ao seu redor como peões em seus jogos para atingirem seus objetivos.

A Marquesa de Merteuil, furiosa por ter sido abandonada por seu amante, pede, apenas por vingança, ao Visconde de Valmont, seu amigo, cúmplice e ex-amante, para seduzir e desvirtuar a pequena Cécile Volanges, prometida em casamento ao homem que a havia abandonado. Mas o Visconde já tinha outros planos, pois, hospedada com sua tia, estava a Presidenta de Tourvel, mulher casada, devota e de princípios austeros que, na visão de Valmont, consistia uma conquista muito mais desafiadora e, portanto, mas recompensadora do que a inocente menina. A partir daí, desenvolve-se uma intrincada trama de manipulações e dissimulações entre os dois personagens libertinos principais e suas vítimas, pessoas que usam a seu bel prazer e de diferentes formas.

O romance foi considerado um escândalo na época, não apenas por seu caráter libertino, mas também epistolar, o que deixava em dúvida se tratava-se de uma ficção ou uma coletânea verdadeira que veio a ser publicada.

Na França do século XVIII, vive-se lado a lado com os ideais iluministas e uma sociedade conservadora, principalmente com relação às mulheres. Elas são importantes como pilares das famílias, educadoras dos filhos e mantenedoras da ordem nos lares. Contudo, quando se diz respeito às suas participações em assuntos externos, de ordem política, econômica e social, a elas são relegados papéis secundários, sem voz, e suas liberdades tolhidas e controladas pelos representantes masculinos de suas vidas. Porém, apesar da pouca liberdade e falta de controle sobre seus destinos, algumas mulheres encontravam meios de burlarem essas regras sociais, mantendo, mesmo que minimamente, algum controle sobre suas finanças, desejos ou intelectualidade.

As personagens femininas de Laclos não são diferentes, inseridas nessa sociedade onde suas únicas funções são serem mães e esposas obedientes, dogmas reforçados não apenas pelos homens, mas também pela religião e pelas próprias mulheres. Vemos essas personagens fictícias burlarem essas regras, de uma forma ou de outra, em busca de suas individualidades, mesmo que acabem assim com finais trágicos.

Nesse artigo, trataremos a libertinagem na obra de Laclos sob o viés social, como forma de subverter as regras impostas, sob a ótica de suas personagens femininas. Traçaremos um paralelo entre a situação das mulheres na França do século XVIII, no tocante às suas funções e seu papel na sociedade, em relação com as personagens femininas de Laclos em *As Relações Perigosas*, destacando aquelas que, de algum modo, transgrediram essas regras em busca de individualidade, tecendo uma análise acerca do modo como fizeram isso.

A MULHER NA FRANÇA DO SÉCULO XVIII

Encontramos em *As Relações Perigosas* um amplo retrato da sociedade francesa setecentista. Os dois personagens principais, o par de libertinos, que desenvolvem toda a trama, podem ser encarados como a representação da corrupção moral presente na aristocracia decadente. Mas Laclos retratou a época em sua obra sob os mais diversos ângulos, e um especialmente presente é o papel feminino na sociedade e as regras às quais elas estão submetidas.

Segundo Castan (1991), “[...] a mulher dessas sociedades se vê confinada ao lar. Com certeza e de modo geral, ela é excluída dos papéis públicos e das responsabilidades exteriores (políticas, administrativas, municipais, corporativas)” (CASTAN, 1991, p. 417). Sua liberdade consistia em decidir sobre os assuntos domésticos e, para as mais abastadas, as escolhas dos empregados.

Neste contexto, o lar era seu mundo e servir sua função,

“Pois sua ocupação é prioritariamente doméstica; o cenário: a casa;
sua vocação: encarnar a imagem de esposa e mãe, arraigada pela Igreja e

pela sociedade civil. A exigência de honra – feita de aparência, fidelidade aos seus e sua boa reputação – resume-o muito bem; portanto, uma dedicação constante a todos que vivem sob seu teto a destina a servir, ou seja, a cuidar: alimentar, criar, atender na doença, assistir na morte – essa é a ocupação das mulheres, que a ela se devotam gratuitamente” (CASTAN, 1991, p. 417).

Orientadas desde jovens, esse era o sistema que conheciam, difundido pela religião, aqui importante pilar de sua sociedade (ALVES, 2013, p. 108), pois “[...] pregava e exigia que a mulher fosse feliz submetida aos estreitos papéis de esposa e mãe” (PIVA & TAMIZARI, 2012) e reforçado pelas figuras maternas, que transmitiam o que lhes fora ensinado, passando assim através das gerações este sistema social e tornando-o incontestável, por ser a única realidade que lhes era conhecida (SCHMIDT, 2012).

De maneira geral, as mulheres mais velhas assumiam o papel de mantenedoras dessa ordem, cabendo a elas a correção e vigilância das jovens, para que nenhuma digressão acontecesse, em uma época que a honra era algo frágil que poderia ser manchada facilmente.

Como salientado por Castan (1991), mesmo quando era concedida às jovens certa liberdade, como, por exemplo, frequentar festas públicas religiosas, mesmo que com o intuito de conseguir casamento, isso lhes era proporcionado sob forte vigilância, onde nunca era permitido ficarem sozinhas.

A educação consistia em pouca instrução, geralmente doméstica ou claustral, onde a jovem era enviada a um convento e de lá só saía para casar-se. Segundo Castan (1991) e Houbre (2003), essa prática torna-se comum entre a burguesia urbana. Onde, qualquer que fosse o tipo de instrução escolhido, o contexto era sempre o mesmo: ensinar a mulher como ser mãe e esposa, dedicada serva do lar (SCHMIDT, 2012). Essa forma de educação foi descrita na obra de Laclos, personificada nas personagens Cécile Volanges e Presidenta de Tourvel.

Segundo Fernandes (2006) quando “adolescente, a mulher passa, graças à instituição do casamento, da tutela do pai, do irmão ou do Estado à do marido. Ela não

tem o direito de decidir sobre sua vida ou dos seus bens sem o consentimento e a autorização dos seus tutores”. O casamento, que geralmente lhes era imposto à sua revelia, constituía um novo tipo de prisão e, no caso de traição,

“O amor extraconjugal depende da discrição da mulher desde que ela respeite as normas estabelecidas e que não macule a honra familiar. Se a mulher tem uma certa liberdade, esta deve ser preservada do ‘escândalo’. Se, por infelicidade, um marido ciumento a acusa de adultério, ela incorre em dois anos de prisão” (FERNANDES, 2006).

Porém, essa mesma regra não se impunha aos homens, pois a mulher não poderia recorrer à justiça da mesma forma (FERNANDES, 2006). Vemos assim uma desigualdade enorme nas leis, as quais não era feita considerando as mulheres como partes integrantes. No século XVIII da Regência, após o reinado de Luís XIV,

“Na Corte, as amantes do Regente vêm rastejar pelos seus salões cortesãos e escritores. Elas dirigem os negócios de Estado ao fazerem e desfazerem ministérios, como muito bem entendem. Usam a sua graça para se imporem, mas a sua influência fica por aí, visto que o seu poder e os seus direitos são extremamente limitados pela lei. Se elas podem testemunhar perante um tribunal civil ou criminoso, elas não podem servir de testemunho nos testamentos ou nos actos notariais” (FERNANDES, 2006).

Havia uma linha tênue entre as leis, o que não era recomendável, mas, ainda assim, tolerável aos limites impostos à mulher. Mesmo nesse mundo de restrições e subserviência, haviam algumas que conseguiam fazer prevalecer suas vontades, mesmo que de forma sutil e, algumas vezes, desaprovada pela sociedade. Castan (1991) nos dá exemplos femininos de desobediência às regras, mesmo que não ilegais, mas, ainda assim, que acarretaria um desagrado à sociedade:

“Em Bédarieux, em 1780, uma moça conhecida como ‘pública’ mora no único aposento da residência familiar com o médico local. Partos e abortos se sucedem; enquanto a jovem se mantém reclusa durante a gravidez há apenas um murmúrio surdo. O rumor explode quando a criatura se instala *publicamente* como casada numa casa alugada e servida por uma criada”. (CASTAN, 1991, p. 427)

Vemos nesse exemplo que o convívio da jovem com um homem, sem ser devidamente casada, como prega a religião, não acarreta um ato ilegal, punido pela lei, como no caso do adultério, contudo é motivo de desaprovação pelas pessoas. A partir do momento em que o relacionamento torna-se mais explícito, há uma indignação geral pela “ousadia”.

Já em um outro caso, bem mais sutil mas, ainda assim, não deixando de suscitar desgosto,

“Madame de Pollastron, esposa de um fidalgo gascão, dona de uma fortuna condizente com sua posição, herdou bens de família. Tanto por predileção como pela vaidade de uma aliança lisonjeira, acrescenta 3 mil escudos ao dote de uma jovem prima, quando duzentos escudos em roupas bastariam; dupla traição: ao marido, deixado de fora, e aos filhos, privados de um quinhão da herança; mas, no plano jurídico, seu gesto é inatacável” (CASTAN, 1991, p. 419).

As personagens femininas de Laclos (Merteuil, Tourvel e Cécile Volanges) quebram tais regras e, mesmo com as restrições e os riscos de consequências danosas para suas vidas, estas mulheres não eram tão submissas quanto se acreditava.

Villalta afirma:

“Na verdade, a libertinagem feminina representa um ataque mais virulento à ordem, tendo-se em vista a posição social inferior ocupada pela mulher, motivo pelo qual a aristocracia (e o romance em questão) brinda Merteuil com um castigo tão espetacular e sombrio” (VILLALTA, 2011).

Apesar de a Marquesa de Merteuil ser a personificação da libertinagem social feminina (conforme discutiremos melhor mais a frente), Cécile Volanges e a Presidenta de Tourvel também subvertem as regras da sociedade, atuando assim como libertinas nesta mesma ótica. Desta forma, apesar de seus mantos de inocência e austeridade, respectivamente, e do fato de terem sido seduzidas e enganadas para cometerem seus deslizes, vemos em ambas um desejo de quebrar as regras sociais que lhe são impostas.

Neste sentido, embora o desfecho da obra de Laclos seja trágico para estas personagens, é importante salientar que nenhuma delas esboça arrependimento acerca de suas escolhas e ações, deste modo indicando que estas foram, de certo modo, deliberadas. Tal fato nos sugere fortemente a ideia de uma libertinagem social praticada por estas personagens, geralmente vistas pela ótica de vítimas.

A CONDIÇÃO FEMININA E A LIBERTINAGEM SOCIAL EM LACLOS

Segundo Villalta (2011), um libertino pode ser definido como o “[...] livre pensador, influenciado pelas novas ideias dos filósofos e enciclopedistas [...]”, que contesta alguns dos dogmas cristãos., “[...] aquele que tinha um comportamento sexual depravado [...]” ou a pessoa que agia no sentido de subverter a ordem política. Logo, ele poderia ser qualquer uma dessas definições ou um arranjo delas. Já a definição de libertinagem, pode ser descrita como “uma ruptura com todos os freios e preconceitos, a negação de toda religião e de toda moral” (VILLALTA, 2011).

Nessa definição, vemos muito da conduta do par de libertinos de Laclos. Valmont e Merteuil mostram um desprezo pelos dogmas religiosos e pela moral que fazia parte da sociedade. Por mais que esse desprezo não fosse demonstrado abertamente para todos, entre si, em suas confissões, era óbvio o desejo de atacar essa conduta social que eles zombavam e achavam desprezível.

Através dos dois personagens principais, há uma evidente crítica do autor ao sistema social predominante no século XVIII. Sendo visível que ambos não se limitam apenas aos conceitos de libertinos citados acima, seu ataque à estrutura dessa sociedade evidencia uma libertinagem social, que ataca não apenas a política e religião, mas aos costumes e à moral vigentes, dentre esses, uma crítica à posição da mulher na sociedade da época.

Valmont deixa bem exposto o desprezo pelas ideias de moralidade de sua época, em uma de suas cartas para a Marquesa: “Conheçais a Presidenta de Tourvel, sua devoção, seu amor conjugal, seus princípios austeros. Eis o que eu ataco, eis o inimigo digno de mim, eis a meta que pretendo atingir” (LACLOS, 2002, p. 12). Claramente

vemos o Visconde expor seu desejo de seduzir a Presidenta não apenas pelo prazer carnal, mas como um símbolo de vitória sobre tudo que ela representava para aquela sociedade e que ele desprezava.

Quanto à Marquesa, vemos um desejo de sobreposição e vingança, de reverter o papel que é imposto a ela e a todas as mulheres de sua época, usando a sua inteligência, a sedução e a simulação de sentimentos como forma de domínio sobre os homens, fato que faz dela o diferencial feminino na obra de Laclos. Mesmo com uma posição de importância social, sua condição como mulher não a tornaria diferente das outras, mas Merteuil consegue burlar essa situação com seus estratagemas, simulando, tornando-se uma ótima atriz, fazendo com que todos acreditassem no que ela queria (CARVALHO, 2010). Isso fica claro quando ela explica que:

“Esses tiranos destronados que se tornaram meus escravos”; se, em meio a essas revoluções frequentes, minha reputação se conservou pura, não deveis concluir que, nascida para vingar meu sexo e dominar o vosso, soube criar para mim meios até agora desconhecidos?” (LACLOS, 2002, p. 140).

Exaltando assim que o seu poder reside em sua inteligência, em nunca deixar-se ser descoberta, além de seus dotes simulativos. Ao mesmo tempo em que nunca produz provas contra si, para que não venha a cair em conhecimento ou ser chantageada, descobre os segredos de seus alvos, sejam amantes ou inimigos, para assim manter controle sobre eles:

“Essas precauções e as de nunca escrever, de nunca dar nenhuma prova de minha derrota, podiam parecer excessivas, mas nunca se me afiguram suficientes. Interrogando meu coração, nele estudei o dos outros. Verifiquei, assim, que não há quem não tenha um segredo que não queira revelar – verdade que a antiguidade parece ter conhecido melhor do que nós e de que a história de Sansão poderia ser um símbolo engenhoso. Nova Dalila, sempre empreguei minha força em descobrir esse segredo importante. De quantos de nossos Sansões modernos tenho a cabeleira ao alcance de minha tesoura! Esses, deixei de temê-los e são os únicos que me permiti humilhar por vezes” (LACLOS, 2002, p. 144).

Contudo, mesmo seu desejo de imposição sobre os homens e descontentamento da posição feminina não lhe figuram solidariedade para com o seu sexo. Antes disso, usa as outras mulheres em suas manipulações, como vemos acontecer com a jovem Cécile Volanges, e até as critica, achando-se acima delas, por sua inteligência e seu pensamento livre ante a submissão e falta de discernimento das outras. Tal superioridade é enfatizada pela Marquesa em uma de suas cartas ao Visconde, quando a ele responde:

“Ah, guardai vossos conselhos e vossos temores para essas mulheres exaltadas e que se dizem sentimentais, e cuja imaginação delirante nos faz crer que a natureza tenha colocado seus sentidos na cabeça; e que, nunca tendo refletido, confundem sem cessar amor e amante; que, em sua louca ilusão, acreditam que somente aquele em que buscaram o prazer é dele depositário; e, verdadeiras supersticiosas, têm pelo padre o respeito e a fé que só são devidos à Divindade” (LACLOS, 2002, p. 140).

A Marquesa é, certamente, a figura feminina mais insubordinada às regras sociais vigentes na obra de Laclos (as quais eram um espelho daquelas existentes na França do século XVIII, como demonstrado no tópico anterior). Entretanto, esta liberdade foi obtida de maneira deliberada, como relatado pela própria Marquesa na carta 81, em que ela explica:

“Quando me vistes afastar-me das regras que prescrevi a mim mesma e falhar a meus princípios? Digo meus princípios, e digo-o propositadamente; pois não provêm, como os de outras mulheres, do acaso, nem são recebidos sem exame ou seguidos por hábito; são os frutos de minhas profundas reflexões; criei-os, e posso dizer que sou minha própria obra” (LACLOS, 2002, p. 140).

Ainda assim, esta liberdade adquirida pela Marquesa é praticada sempre fora do conhecimento da sociedade, a fim de preservar sua reputação, mantendo-a acima de suspeitas. Além disso, ela também faz uso de segredos comprometedores de seus alvos ou mesmo aliados para tal finalidade (conforme explicamos anteriormente).

Já Cécile Volanges e a Presidenta de Tourvel são levadas a quebrar as regras por influência e manipulação dos dois libertinos, contudo, assim como a Marquesa, também

podem ser consideradas desejosas dessas transgressões quando diante da escolha entre o “certo e o errado” segundo as regras sociais da época. Este desejo não é deliberado, mas ainda sim consciente, pois segundo Carvalho (2010) “[...] o homem conquista uma suposta vítima, que, no fundo e de mútuo acordo, desejava igualmente esse desenlace”. Tal fato é também retratado por Laclos, o qual deixa claro, que uma mulher quando é seduzida, o permite porque ela mesma já deseja aquilo, apesar de o negar e resistir, por ser o esperado dela. Como enfatizado na carta 10, da Marquesa de Merteuil:

“Dizei-me, pois, amante langoroso, essas mulheres que possuístes, acreditais tê-las violentado? Mas, por mais vontade que tenhamos de nos entregar, por mais pressa que sintamos, um pretexto é necessário. E haverá algum mais cômodo para nós do que o que faz parecer que cedemos à força?” (LACLOS, 2002, p. 21).

O homem acredita que toma pela força o que mulher lhe dá de bom grado. Sendo assim, fingir uma resistência ao desejo é imprescindível, devido a frágil posição feminina diante da sociedade, mesmo em situações tão íntimas e que, supostamente, não viriam a público. É a oportunidade de transgredir, sem assim ser julgada, atribuindo o envolvimento à falta de escolha.

O seu papel é resistir, mesmo querendo ceder e sabendo que o fará eventualmente, assim como o papel do homem é conquistar (CARVALHO, 2010). Isso evidencia que as transgressões das três personagens principais de Laclos são voluntárias. Merteuil quebra as regras deliberadamente, totalmente consciente de sua posição de mulher, do seu papel a ser representado para todos e de quem quer ser em sua intimidade. Cécile, inocente em sua educação deficiente e criação severa, possui uma curiosidade latente que ninguém, além de Valmont e Merteuil, está disposto a sanar. Deixa-se manipular pelos dois libertinos, apesar de saber que seus atos não estão de acordo com as regras, mantendo um misto de inocência e licenciosidade. Como diz a marquesa,

“Ela é realmente deliciosa, sem caráter e sem princípios. [...] Sem espírito nem finura, tem ela, entretanto, certa falsidade natural, se ousar exprimir-me assim, que por vezes espana a mim mesma e que dará êxitos

tanto maiores quanto sua fisionomia oferece a imagem da candura e ingenuidade” (LACLOS, 2002, p. 64).

Tourvel se entrega à paixão por Valmont, que inicialmente rejeita, mas não o afasta. Passa a defendê-lo, desejando ver em seus gestos um homem honrado, arrependido de suas transgressões, causadas por más relações e toma-o como projeto seu, para a redenção.

“Ficareis sem dúvida satisfeita, senhora, de conhecer um traço do Sr. de Valmont que muito contrasta, parece-me, com aqueles sob os quais vô-lo apresentaram. [...] O Sr. de Valmont não seria talvez, senão, um exemplo a mais do perigo de certas relações. Detenho-me nesta idéia que me agrada. Se, por um lado, ela pode servir para justificá-lo perante vós, por outro, ela torna dia a dia mais preciosa a terna amizade que me une a vós por toda a vida” (LACLOS, 2002, p. 38).

Por mais que negue, para si mesma e para Valmont, que tem sentimentos por ele, seu empenho em defendê-lo diante da Sra. de Volanges, de fazer a amiga mudar de opinião com respeito a Valmont declara uma paixão crescente. Contudo, é imprescindível disfarçar, fingir que não sente pois, em sua condição de casada, um adultério traria desgraça para sua vida. Austera, reclusa, foi toda a sua vida o que a sociedade quis que ela fosse, contudo, quando aceita seu amor pelo visconde e também as consequências que dele virão, abandona-se a esse amor proibido e insano, porque não vê mais sentido em sua vida sem ele. Sabe que o escândalo arruinaria sua vida, mas não é o suficiente para demovê-la. Já não lhe importa mais a sociedade, a religião e todas as regras impostas. Ela faz sua escolha e é tudo que importa, dedicando sua vida a esse sentimento. Com a morte do Visconde, vem a perecer também.

“É pois, a vosso sobrinho que me consagrei; é por ele que me perdi. Ele tornou-se o único centro de meus pensamentos, de meus sentimentos, de minhas ações. Enquanto minha vida for necessária á sua felicidade, ela me será preciosa e eu a acharei feliz. Se um dia ele julgar de outro modo... não ouvirá de minha parte nem queixa nem censura. Já ousei encarar esse momento fatal, e minha resolução está tomada.

Vedes agora quão pouco me pode afetar o temor que pareceis ter de que algum dia o Sr. de Valmont me ponha a perder, pois, antes de o querer, terá deixado de me amar; e que me importarão então vãs censuras que não ouvirei? (LACLOS, 2002, p. 246)”

Essas três personagens têm um desfecho trágico, seus castigos vindo como uma satisfação para a sociedade que foi ofendida. Mas nenhuma mostra arrependimento por seus atos, uma forma de Laclos mostrar que a mulher poderia tomar as rédeas de suas vidas, apesar das consequências, e também criticando a sociedade pelo tratamento dado a elas.

A posição feminina de subjugo está fortemente representada em *As Relações Perigosas*. Merteuil e Valmont são iguais. Libertinos capazes das piores atrocidades, que buscam apenas o prazer e desprezam a moralidade vigente em sua época. E ambos são membros respeitados da sociedade. Contudo, Valmont nada esconde de suas conquistas e as toma como troféus, admirado por muitos e tolerado por alguns, como diz a Senhora de Volanges:

“Recebo sem dúvida o Sr. de Valmont, e ele é recebido em toda parte; trata-se de mais uma inconseqüência a acrescentar às mil outras que governam nossa sociedade. Sabeis, como eu, que passamos a vida a observá-las, a queixar-nos delas e a aceitá-las. O Sr. de Valmont, com um belo nome, uma grande fortuna, muitas qualidades amáveis, percebeu desde logo que, para imperar na sociedade, bastava manejar com igual habilidade a lisonja e o ridículo” (LACLOS, 2002, p. 53).

Já Merteuil, detentora da mesma posição social de privilégios que Valmont, precisa esconder sua essência sob uma gama de cuidadosas estratégias para não ser escrachada e banida da sociedade. Ainda jovem, aprendeu a disfarçar o que sente e pensa, e mostrando apenas o que as pessoas desejavam ver, muitas vezes mostrava-se tola e estouvada, o que acreditava ser condizente com sua idade.

“Não tinha quinze anos e já possuía os talentos a que a maior parte de nossos políticos deve sua reputação, e encontrava-me ainda nas primeiras noções da ciência que queria adquirir. [...] Estudei nossos costumes nos romances, nossas opiniões nos filósofos, procurei até nos moralistas mais

severos o que exigiam de nós, e assegurei-me, assim, do que se podia fazer, do que se devia pensar e do que era preciso parecer” (LACLOS, 2002, p. 53).

No caso de uma exposição pública, principalmente em escândalos sexuais, as consequências são bastante diferentes para os sexos. Enquanto o homem ganha fama e não sofre nenhuma penalidade, a mulher é totalmente penalizada, tendo sua honra destruída, sua reputação e de sua família totalmente abalada e ainda condenada ao exílio social, podendo ser confinada, por fim, em um convento (SILVA, 2002). Esta “justiça” social é ilustrada por Houbre (2003) que descreve uma carta de 1768 de Diderot para Sophie Volland, onde o primeiro explica como instruiu a sua filha acerca da diferença entre os sexos:

“Desde então, não perco a ocasião de comentar com ela todos os galanteios endereçados às mulheres. Isso significa, digo a ela: ‘só para me comprazer, a senhorita teria a bondade de se desonrar, perder todo o *status*, ser banida da sociedade, passar o resto da vida encerrada num convento e matar de dor seu pai e sua mãe’” (HOUBRE, 2003, p. 93).

Laclos também expõe essa diferença de tratamento dado a homens e mulheres na seguinte passagem; “à mercê de seu inimigo, ei-la sem recursos em não sendo ele generoso; e como esperar dele que o seja se, embora o louvem por vezes por sê-lo, nunca o censuram por não o ser?” (LACLOS, 2002, p. 139). Essa colocação de Merteuil denuncia o quanto a mulher era infortunada diante da posição privilegiada masculina, tendo este o poder sobre ela frente a certeza da impunidade de seus atos. Já que, como já foi dito no tópico anterior, as leis não eram feitas para as mulheres e as mesmas não tinha nem o direito de recorrer a elas.

Ao analisar de perto os acontecimentos que cercam Cécile Volanges e a Presidenta de Tourvel, podemos observar também nessas duas personagens um desejo latente de desobedecer as regras impostas a elas, apesar das consequências e por mais efêmera que seja essa rebeldia, para viverem suas vidas do jeito que querem.

No caso de Tourvel, observa-se a busca por uma paixão que ainda não havia encontrado, visto que fora levada desde criança ao convento e saíra de lá apenas para

casar-se com um homem que não escolheu. Julga encontrá-la em Valmont, a ponto de entregar-se a esse sentimento de tal forma que, acreditando sua vida nada mais valer sem ele, ela sucumbe após sua morte. Assim, por mais que resista a esta paixão e sintasse culpada, isso não é o suficiente para fazê-la não sucumbir às investidas de Valmont, demonstrando que, apesar das crenças impostas a ela pela sociedade e religião influenciarem seu comportamento, sua vontade de autonomia e escolha prevalece, mesmo rompendo com as regras e correndo o risco de cair em desgraça.

Ela era a mulher ideal, reunia todos os preceitos admirados na época e Laclos mostra que essa mulher perfeita, nos moldes idealizados pela sociedade não existe pois, essa mulher não é natural, mas moldada pela sociedade e religião. “Com Mme de Tourvel, Laclos trata o tema, em voga, da mulher de dever em constante representação social na sociedade da sua época. Trata-se de se interrogar sobre o mito da esposa virtuosa, de o denunciar como pura ideia” (FERNANDES, 2006).

Podemos, assim, ver a relação da Presidenta com o Visconde não apenas como sucumbência à sedução dele, mas também, e principalmente, como a expressão da vontade dela que se deixa ser seduzida por querer e desejar isso.

Já Cécile, é uma personagem com praticamente a mesma história de Tourvel, com a diferença de ser mais jovem e solteira. A menina, também manipulada em sua inocência, não apenas por Valmont mas também por Merteuil, usada por ambos em suas respectivas vinganças, mostra uma atitude bem mais volúvel que das outras personagens. Pode-se atribuir suas atitudes à sua tenra idade e falta de experiência, assim como à influência de Merteuil e Valmont. Porém, a despeito de sua educação rígida, que a levou a nada saber do mundo, Cécile mostra uma curiosidade em conhecer as coisas, principalmente o que escondem dela e o que lhe é proibido, algo não muito diferente da própria Marquesa em sua juventude, onde ela descreve como “se fez” (já mencionado neste tópico), na carta 81 para Valmont.

Com isso, cremos que o amor juvenil despertado em Cécile por Danceny, nada mais é do que a atração pelo proibido e, com a iminência de um casamento arranjado, a idealização do amor. Já seu envolvimento com Valmont, de quem foi alertada para manter-se longe, uma curiosidade a ser satisfeita. Em ambos os casos, há uma influência

da Marquesa, que mostra-se mais propensa em apoiar e ensinar-lhe, do que qualquer outra pessoa de seu meio de convívio, inclusive sua mãe, que acreditava ser melhor mantê-la desinformada para preservar sua inocência. “Mme de Volanges não preenche o seu papel de educadora, visto que prefere deixar a sua filha na ignorância para preservar a sua ‘pureza’”(FERNANDES, 2006). Essa curiosidade e ingenuidade demonstradas por Cécile são características comuns à idade, mas foram potencializadas com as proibições e desinformações que lhes foram impostas para evitar um desvirtuamento, mas que acabam tendo um efeito contrário e ainda mais prejudicial, por deixá-la suscetível às manipulações do par libertino.

Essas mulheres, em suas inocências e inexperiência, levam a crer que foram seduzidas e levadas à ruína por dois libertinos sem escrúpulos que as usaram para seus próprios propósitos. No entanto, é possível observar que, diante de uma sociedade repressora e da falta de controle sobre suas próprias vidas, a atitude de deixar-se seduzir é uma forma de libertar-se, uma escolha autônoma, uma forma de *libertinagem social*.

Neste âmbito ampliamos aqui os personagens libertinos do livro, visto que para muitos apenas Valmont e Merteuil o são, mas considerando uma ótica social baseada na época podemos demonstrar que Tourvel e Cécile também são libertinas, pois quebram as regras e estruturas sociais da época, da mesma maneira que o Visconde e a Marquesa, mas sem exercer nenhum tipo de manipulação ou dissimulação para tal. Classificamos aqui Cécile e a Presidenta de Tourvel como também libertinas, não no modo tradicional de libertinagem conhecido, mas no tocante a subverter as regras impostas a seu sexo, fazendo suas escolhas e levando-as a cabo, mesmo sabendo que iriam contra os preceitos da sociedade e religião, mesmo indo contra as crenças que lhes foram impostas.

Em um contraponto a essas personagens transgressoras, temos as personagens mais velhas, que chamaremos aqui de *Matriarcas*. Madame de Volanges e Madame de Rosemond, a primeira, mãe de Cécile e a segunda, tia de Valmont; ambas viúvas, e com uma certa autonomia para reger suas vidas, ainda que dentro dos padrões sociais exigidos na época. Podemos comparar suas posições sociais à de Merteuil, ainda que suas condutas sejam absolutamente diferentes. Elas representam a sociedade e suas regras, sempre aconselhando e levando às mais jovens para o caminho “aceitável”,

resguardando as regras sociais, principalmente no tocante a educação das jovens. Como enfatizado pela marquesa quando refere-se a importância que essas mulheres têm dentro da sociedade, “pois não devemos irritar as velhas; são elas que fazem a reputação das jovens” (LACLOS, 2002, p. 85) e em outra passagem ao reportar a importância que essas mulheres tiveram na construção de sua reputação:

“Logo que alcancei o objetivo que desejara, voltei atrás, atribuindo o meu arrependimento a algumas dessas mulheres que, na importância de ter pretensões ao prazer, se fazem donas do mérito e da virtude. Foi um lance que me rendeu mais do que esperava. Essas velhotas, reconhecidas, tornaram-se minhas apologistas; e seu zelo cego pelo que consideravam sua obra foi levado a tal ponto, que, à menor referência desairosa a meu respeito, todo o partido da pudicícia se revoltava escandalizado contra a injúria” (LACLOS, 2002, p 143).

Um ponto importante a ser discutido aqui é educação das mulheres na época como um instrumento de manutenção da estrutura social e do papel secundário da mulher. Este ponto é tão relevante que é diversas vezes mencionado durante a obra de Laclos, sendo que o autor era um crítico do modelo educacional para as mulheres vigente na época (conforme descrito no tópico anterior), coisa que deixa explícito em seus três ensaios, escritos logo após *As Relações Perigosas* ser publicado, denominado *Des Femmes et de leur éducation*, “que revelam uma unidade de pensamento em que o autor anuncia algumas das mudanças que se começarão a produzir com a Revolução Francesa com vista a uma afirmação da mulher.” (FERNANDES, 2006).

Fernandes (2006) analisou estes ensaios e destaca que, no primeiro deles, Laclos deixa claro que não acreditava ser possível uma reforma na educação das mulheres e defende uma “mudança radical da sociedade”, uma “revolta contra o colonialismo do homem”, onde a “revolução é a única saída para a mulher”. Ele “preconiza a revolta de todas as mulheres, uma solidariedade total, uma inversão das relações de força e, sobretudo, o iniciar de um movimento de mulheres”. Fica bem evidente sua posição em defesa de uma *libertinagem social feminina*, com o objetivo de quebrar a estrutura social da época no tocante a condição da mulher.

No segundo ensaio, defende uma educação liberal que permitisse à mulher se libertar e ser dona do próprio destino, e propõe às mulheres o modelo da mulher natural, descrevendo-a como alguém que desconhece o amor, da forma imaginária como é tido, e que se entrega ao instinto e sensualidade; e ainda defende uma união passageira, entre o homem e a mulher, baseada no desejo, em detrimento do casamento indissolúvel (FERNANDES, 2006).

Um exemplo de mulher natural a qual se refere Laclos, fora da ficção, na França do século XVIII é a Marquesa de Châtelet, uma mulher a frente de seu tempo que teve uma educação diferenciada, a cargo de seu pai, permitindo a ela um conhecimento aprofundado da ciência e da filosofia da época, bem como o desenvolvimento de uma filosofia e ciência própria, sendo a única mulher do século XVIII a desenvolver um pensamento independente capaz de colocá-la como parte integrante dos discursos científico-filosóficos iluministas da época (PIVA & TAMIZARI, 2012).

Já no terceiro, também inacabado e escrito após a Revolução Francesa, ele já parece acreditar que tal reforma fosse possível, e até “propõe todo um programa de leituras que uma mulher bem nascida deveria seguir” (FERNANDES, 2006).

Em *As Relações Perigosas*, Laclos expõe esse modelo de mulher natural que defende em seu segundo ensaio através da Marquesa de Merteuil, que não teve essa educação claustral e, portanto não foi desfigurada pelas instituições. Ela desenvolveu um senso crítico e uma maneira de pensar livre, não alienada, capaz de decidir seu futuro da forma que queria e ainda assim se adequar às exigências sociais.

Podemos deduzir que sua forma de educação, além de sua própria personalidade, foram decisivas para seu senso de individualidade e percepção do mundo ao seu redor. Esta relação está clara quando a própria Marquesa de Merteuil conta como “se fez” na carta 81, revelando como construiu sua personalidade, conquistando sua independência frente as regras de sua sociedade.

Em contraponto, tem Cécile Volanges, que acabara de sair do convento para se casar com um homem que sua mãe escolhera e que desconhecia e, por causa de sua inocência e ignorância acabou caindo nas armadilhas de Valmont e Merteuil; e também a Presidenta de Tourvel que, apesar de casada e assim, supondo-se mais experiente,

também viera de uma educação claustral e mantém uma percepção ingênua do mundo, que não a prepara para as investidas e artimanhas de Valmont. Vemos em ambas personagens o mesmo tipo de educação e o mesmo tipo de despreparo não só para lidar com os libertinos e suas manipulações, mas com o mundo em geral, o que evidencia a falta experiência e informação e o consequente dano para as moças, pois, a elas é negado o direito de vivência e experiência que, de outra forma, poderia livrá-las de situações prejudiciais às quais são submetidas.

CONCLUSÃO

O que vemos aqui é que a sociedade impunha seus limites sobre as mulheres e que essas mantinham-se em uma posição sem poder, relegadas apenas aos seus deveres de mães e esposas, sem poderem trabalhar, escolher seus cônjuges ou como dirigiriam a própria vida, e isso imposto não apenas pelos homens, mas na forma de uma ideia arraigada no seio feminino desde jovens, sustentada pela religião, difundida pela família, e acreditada pelas próprias mulheres, que as passavam para as próximas gerações. Ainda assim, podemos demonstrar aqui que algumas mulheres conseguiam, por meio de artimanhas sutis, ou mesmo apenas pela desobediência simples, fazer prevalecer sua vontade.

Laclos retratou isso muito bem em sua obra, apresentando uma libertina inteligente e manipuladora, que conseguia ter sob seu domínio os homens e ainda manter sua reputação intacta e que nada deixava a desejar ante seu par masculino, vindo muitas vezes a superá-lo; duas jovens criadas sob regras rígidas, principalmente religiosas, mas que, a despeito do que lhes foi ensinado de “certo e errado”, dentro das regras e moralidade vigentes em sua época, escolheram seguir suas próprias vontades, mesmo com consequências graves, o que as torna também libertinas do ponto de vista social; e mulheres que, a despeito de suas posições desprivilegiadas, conseguiam manter um certo poder, ainda que efêmero. Por fim, concluímos que *As Relações Perigosas* mostram que, por mais submissas que fossem as mulheres no século XVIII, elas podiam encontrar uma forma de manter alguma autonomia frente a estrutura social da época.

THE CONDITION AND THE FEMALE SOCIAL LIBERTINAGE IN THE WORK THE DANGEROUS RELATIONSHIPS, OF CHODERLOS DE LACLOS

ABSTRACT

The book *The Dangerous Relations* of the French Choderlos de Laclos, considered a libertine work, generated controversy in pre-revolutionary France, being important in the retraction of that society. The famous libertine pair scandalized and brought notoriety to its author, becoming immortalized in the history of literature as representing the decadence of this aristocracy belonging to the end of the Old Regime. This article intends to analyze this work through the feminine look, focusing on the three main women of the book and their positions within the society of the time, its restrictions and its digressions. Since Laclos is a strong supporter of the feminine emancipation of the social structure in force in the eighteenth century, the characters show a strong desire to break the bonds they are subjected to, characterizing social debauchery when they decide to follow their choices, not what is imposed on them. In this context, this work traced a profile of the condition of women at the time, using information obtained in the scientific literature, as well as relating these conditions to those described in the book of Laclos, emphasizing the underprivileged and secondary position to which they were submitted, the precarious education that received, and the submissive role to which they were relegated in relation to man.

Keywords: Dangerous Relations, Social Libertinism, Female, France, 18th Century, Society

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Célia Cristina Dias Redondo. **Influências da educação religiosa da mulher em Sórora Mariana Alcoforado e Pierre-Ambroise Choderlos de Laclos: religião, paixão e libertinagem**. Dissertação: Universidade de Évora, 2013.

CARVALHO, Ana Alexandra Seabra. A sedução libertina como arte do equívoco em Crébillon e Laclos. **Carnets**, v. 2, p. 59–79, 2010.

CASTAN, Nicole. O público e o particular. *In: História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 637.

DE LACLOS, Choderlos. **As relações perigosas**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

FERNANDES, Ana. Choderlos de Laclos e a educação das raparigas. **MÁTHESIS**, n. 15, p. 29–51, 2006.

HOUBRE, Gabrielle. Inocência, saber, experiência: as moças e seu corpo fim do século XVIII/começo do século XX. *In: O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 222.

PIVA, Paulo Jonas de Lima; TAMIZARI, Fabiana. Luzes femininas: a felicidade segundo Madame du Châtelet. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 3, p. 853–868, 2012.

SCHMIDT, Joessane de Freitas. As mulheres na revolução francesa. **Revista Thema**, v. 9, n. 02, p. 103–114, 2012.

SILVA, Juliana Carneiro da. Perigosa relação: cavalheirismo e machismo através de um olhar sobre o romance de Laclos. **Sem Aspas**, v. 1, n. 1, p. 155–163, 2012.

VILLALTA, Luiz Carlos. A sociedade como um teatro: da ficção à história, na França, no ocaso do antigo regime. **Floema**, v. Ano VII, n. 9, p. 159–191, 2011.